

**ENTREVISTA A SANDRO SUSSUARANA, CONDUZIDA POR MAUREN PAVÃO
PRZYBYLSKI¹**

**A VOZ DA POESIA PERIFÉRICA POR ELA MESMA: UMA CONVERSA COM SANDRO
SUSSUARANA, DO SARAU DA ONÇA²**



3

Sandro Sussuarana é um dos idealizadores do projeto Sarau da Onça, é produtor cultural e articulador de Jovens do bairro de Sussuarana, tem participação em várias atividades culturais da cidade do Salvador como: Ações Poéticas nas Comunidades do

MAM (Museu de Arte Moderna) e na comunidade de Novos Alagados (Uruguai) em 2012. Segundo o site Clube de Autores⁴, Sussuarana participou das edições do Hip Hop na Onça de 2008 até 2012 como apresentador e também na produção do evento, foi um dos idealizadores do Projeto Perife'Art projeto realizado em 2008 no bairro de Sussuarana, época em que fazia parte do Grupo Juventude Negra Pela Paz, desenvolvendo oficinas de Estética Negra, Identidade Negra, Dança, Teatro, Bordado, entre outros, com finalização das atividades em formato de amostra para toda a comunidade, realizando um desfile de tudo o que foi produzido pelas oficinas, e apresentação de grupos culturais do bairro, projeto este que foi realizado com o apoio da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço). Além disso, participa da organização da caminhada da Consciência Negra de Sussuarana desde 2008.

¹ Pós-doutoranda no Mestrado em Crítica Cultural (PNPD/CAPES/UNEB), secretária do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (Biênio 2014-2016), investigadora de Pós-Doutoramento do Grupo Mediação Digital e Materialidades da Literatura (Centro de Literatura Portuguesa / Universidade de Coimbra) e pesquisadora do Núcleo das Tradições Orais e Patrimônio Imaterial - NUTOPIA - (UNEB/CAMPUS II)

² Esta entrevista foi realizada por e-mail entre os dias 03/03/2016 e 13/03/2016.

³ Imagem disponível em: <sandrosussuarana.blogspot>. Acesso em: 16 mar. 2016.

⁴ Texto disponível no site clube dos autores.< <https://clubedeautores.com.br/authors/100549>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Entre os anos de 2011 e 2013 fez parte da caminhada contra o Extermínio da Juventude Negra em 2011 e 2013 como apresentador, poeta e também na organização.

Além de tudo isso, faz parte do movimento Hip Hop de Salvador, onde foi apresentador de eventos como a 1º do aumenta o volume em 2011, participação como Poeta no lançamento da single do grupo “Os agentes” – “Tudo vai estar Bem”, na Praça Teresa Batista. Também é idealizador e diretor geral do Pôr do Sol do Sarau da Onça (Pôr do Sarau), que acontece a cada 40 dias em pontos estratégicos da cidade do Salvador, com a missão de levar a Poesia para todos os cantos da cidade, ao mesmo tempo em que se contempla uma das mais belas paisagens que é o Pôr do Sol, cuja primeira edição aconteceu em 16 de fevereiro de 2013 no Farol da Barra. Ensaia e coordena adolescentes de 7 a 15 anos, de mais um Sarau intitulado Sarau na Laje, que acontece uma vez por mês.

Recebeu prêmios, entre eles Menção Honrosa no concurso literário Valdeck Almeida de Jesus de 2013 com o poema “A Realidade”, concurso no qual participou ainda com outros dois poemas “Mudança” e “A Poesia Que Se Diz Eterna”, este último feito em parceria com dois poetas do recôncavo baiano, Rildon Alves e Sócrates Jr (Ilhéus BA) e foi o segundo colocado no Concurso Literário realizado pelo poeta Sergio Vaz no ano de 2011, com o poema “Chega de Tiriricas”.

O Sarau da Onça é um espaço de grande representatividade da periferia de Salvador e, sendo este número da Revista Boitatá dedicado aos “Núcleos canônicos e periféricos em diálogo com os novos media”, consideramos importante trazer a voz de um morador de periferia, produtor de poesia, agitador cultural e que faz uso das novas tecnologias para legitimar sua poesia.

Mauren Przybylski: Sandro, em primeiro lugar gostaria de agradecer a tua disponibilidade em conceder esta entrevista à Revista Boitatá.

Sabe-se que a expressão sarau vem do latim *seranus* que significa entardecer e dá conta de manifestações que, no Brasil, datam de fins do século XIX e início do XX e eram ligados à nobreza, a uma camada mais abastada da sociedade. Na época, os participantes eram “seres iluminados”, que tinham gosto pela música, literatura e desfrutavam dos eventos nos grandes salões. Segundo Lucia Tennina (2013) os saraus das periferias, no caso de São Paulo, podem ser definidos, de um modo breve, como reuniões em bares de diferentes bairros suburbanos da cidade, onde os moradores declamam ou leem textos próprios ou de outros diante de um microfone, durante aproximadamente duas horas. Muitos bares – espaços nos quais

normalmente acontecem os episódios que se transformam em estatísticas posteriormente (os assassinatos e o alcoolismo) – funcionam, desde então, também como centros culturais. Então, para começarmos a conversa, gostaria de saber como e quando nasceu O **Sarau da Onça**? Como você o define?

Sandro Sussuarana: O Sarau da Onça nasceu da necessidade de se fazer frente ao que vem ocorrendo em Salvador nestes últimos anos: o aumento dos índices de violência contra os jovens negros do bairro de Sussuarana, muitas vezes dá-se a impressão de que parte da sociedade não está consciente desta realidade ou pela indiferença preferem guardar o silêncio. Por isso que o jovem se posiciona, pois não é possível calar-se ante os atos bárbaros de assassinatos. Teve a sua primeira edição em 7 de maio de 2011. Eu defino o Sarau como um lugar de libertação das pessoas que ali se encontram quinzenalmente para ouvir e recitar poesia, onde o respeito é mútuo para com todos de forma que faz com que quem vá sintam-se acolhido e tenha vontade de voltar outras vezes.

Mauren Przybylski: Numa cidade como Salvador em que, embora as fronteiras literárias sejam bastante nítidas em face de uma geografia que muitas vezes coloca lado-a-lado centro e periferia, qual o espaço do Sarau da Onça? Qual a importância do Sarau para o bairro de Sussuarana?

Sandro Sussuarana: ocupa um lugar de importância ímpar, atraindo jovens e adolescentes para atividades culturais, o que lhes pode livrar de serem cooptados por atividades destrutivas à cidadania. O Sarau é mais uma ferramenta das muitas que a comunidade tem, que usa da arte para modificar o local, os moradores e a visão externa sobre este lugar onde tem muitos talentos e pouco (ou melhor, nenhum) investimento das esferas governamentais.

Mauren Przybylski: Em um primeiro contato que tivemos, ainda no verão, via facebook, você destacou que o sarau recomeçaria no final de fevereiro Naquele momento, em janeiro, estariam ocorrendo oficinas. Que oficinas são essas? Qual o público alvo? Fale um pouco mais...

Sandro Sussuarana: estas oficinas foram para a criança de 7 a 14 anos de idade, oficinas criativas... com o objetivo de incentivar estas crianças a protagonizarem suas próprias histórias. Foram duas semanas de oficina das 13:00h às 17:00h, de segunda a sexta-feira.

Mauren Przybylski: Você é poeta, tendo sido premiado em 2ª lugar em concurso literário realizado pelo também poeta Sérgio Vaz no ano de 2011, com o poema “Chega de Tiriricas”. A Revista Fórum de 02 de março de 2016 destaca o incomodo de Vaz, em suas entrevistas, de sempre ter que falar em periferia, sangue, violência, PCC, rolezinho e nunca conseguir falar quanto gosta de Drummond, Neruda, Lorca e Cecília Meireles. A seu ver, isso se dá em função da periferia ser vista como um espaço muito mais de violência do que de produção de saberes? Quais as suas influências literárias? Do que você gosta de “falar” para aqueles que te escutam e, também, para os que precisam te escutar?

Sandro Sussuarana: A periferia é um local totalmente estereotipado... sendo esses estigmas criados por conta de ser moradia de pessoas mais humildes, ou pessoas que não tinham/têm condições de morar nos grandes centros em seus apartamentos planejados... Costumo dizer que minhas influências literárias são meus amigos do grupo Agape, do Grupo de Poesia Resistência Poética, os grupos de Rap que escuto como Opanijé, Os Agentes, Racionais Mc’s, RBF, Coletivo Boca Quente, entre outros que convivo no meio artístico.

Minha escrita fala mais precisamente do lugar de onde eu venho que é a periferia, o guetto, dos moradores deste local, de minha realidade diária na luta por melhores condições de vida, mais segurança, saúde, educação, etc. Escrevo pra me libertar, se isso ajudar quem me escuta a se libertar também, a melhorar os argumentos críticos em suas leituras de vida me dá mais motivação ainda para continuar escrevendo.

Mauren Przybylski: No site do Sarau da Onça há a descrição da família em que diz “O grupo tem feito apresentações no bairro onde vem arrastando vários participantes, é um evento aberto para qualquer pessoa, independente de raça, religião ou segmentação política, se mostra aberto para os convidados também participarem através de discussões ou até mesmo levando suas poesias”. Sabe-se que a ideia de quem está de fora é de que Salvador é uma cidade onde não há racismo nem preconceitos, entretanto, a realidade de dentro é bastante diferente. Intolerância religiosa, preconceito com cor, raça,... que tipos de discussões são feitas nesse sentido? As poesias produzidas são uma forma de “gritar” as dores, as alegrias e tensões do dia-a-dia?

Sandro Sussuarana: Todas as rodas de discussões que fazemos são para que o público presente possa cada vez mais adquirir conhecimento, convidamos pessoas que são referências nos temas escolhidos

por nós da produção. Já foram abordados temas como: redução da maioria penal, intolerância religiosa, segurança pública, feminismo Negro, etc.

Cada poeta/poetisa tem sua identidade na escrita, isto é muito particular. É sim uma das formas de questionar as coisas, de fazermos as críticas, de gritarmos nossas insatisfações com a sociedade, mas não são poesias sem fundamento, não é só questionamento... estas poesias também apontam sugestões do que podemos fazer para melhorar, modificar ou amenizar a situação em que vivemos.

Mauren Przybylski: Ainda sobre o site, qual a importância da tecnologia para o Sarau da Onça? Você acredita que a internet, a partir da possibilidade de divulgação e publicação de produções estéticas periféricas (nas redes sociais, youtube, sites) permite que se “quebre um pouco o gelo” que se estabeleceu entre os diferentes bairros da cidade? que se aproximem letrados e não letrados, periféricos e moradores do centro, tendo a poesia como elo de uma corrente, como forma de legitimação de diferentes saberes e de descolonização de ideias, no sentido de se ver a periferia apenas como espaço de violência, pobreza?

Sandro Sussuarana: Acredito que a internet seja uma ferramenta de grande importância não somente para a divulgação ou estreitar os laços de moradores de bairros diferentes, mas também para a distribuição e o acesso a matérias de suma importância para a sociedade.

Nas redes sociais, pelas linguagens que se formam, você quebra mais o “gelo” com relação a quem sabe e quem não sabe, pois, as informações são simultâneas e de acesso a todos, fica a critério de cada um beber destas fontes...

A poesia modifica muito mais do que só a visão externa sobre os bairros periféricos... ela faz com que os moradores se apropriem de seus direitos, que eles expressem seus sentimentos sem medo de repressão, porque ninguém melhor do que os moradores das periferias para falar sobre ela. Na poesia produzida na periferia os protagonistas são seus próprios moradores, antes incriminados hoje artistas reconhecidos dentro e fora do seu local de vivência e que inspira cada vez mais outros artistas, porque o exemplo mostra que TODOS são capazes e se eles perguntarem aos artistas das periferias certamente eles dirão: Você pode, basta fazer!

A fala de Sandro nos é bastante significativa, na medida em que nos revela uma periferia que pode falar por ela mesma, que se antes era vista apenas como lugar de crime, hoje é também reconhecida pelos seus próprios artistas.

Os moradores de Sussuarana sabem seu valor, e embora não precisem do reconhecimento que vem de fora para se posicionarem, querem dar ênfase à importância que suas vozes têm para um novo olhar acerca das periferias. O sarau é o momento de reunião de poetas, moradores que compartilham os mesmos ideais.

É preciso que se perceba, a partir do que diz o próprio coordenador do sarau, que “suas produções não são poesias sem fundamento, não é só questionamento... estas poesias também apontam sugestões do que podemos fazer para melhorar, modificar ou amenizar a situação em que vivemos”. É a poesia como posicionamento político e social, é a poesia como intervenção face aos demais movimentos literários que são, em sua maioria, excludentes, a um cânone que segmenta socialmente, mas a poesia como libertação, já que segundo o próprio Sussuarana “Escrevo pra me libertar, se isto ajudar quem me escuta a se libertar também, a melhorar os argumentos críticos em suas leituras de vida me dá mais motivação ainda para continuar escrevendo.”

Assim, percebe-se que a escrita acontece em sua vida, assim como é recorrente em muitos poetas advindos das periferias, enquanto um movimento de libertação de si mesmo, de suas angústias, estigmas, assim como pode ser dos outros para consigo mesmos e se isso acontece parte do objetivo do sarau já se cumpriu. Há uma intenção de que a coletividade perceba suas potencialidades e valores, intenção essa que deve chegar à academia a partir do olhar voltado para outras tantas vozes que têm muito o que falar, entretanto são na maioria das vezes silenciadas fora dos espaços marginalizados a elas destinados.

REFERÊNCIAS

TENINNA, Lúcia. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Revista Estudos de Literatura Brasileira e Contemporânea**, Brasília, v. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013.

[Recebido: 20 mar. 2016 – Aceito: 21 abr. 2016]